



## NOTAS SOBRE A CULTURA DA PINHA

### HISTÓRICO

A pinha, *Anona satanosa*, Lin., também conhecida por fruta de conde, ata, araticum pitaiá, etc., encontra-se em todos os Estados do Brasil.

Sua exploração racional em grande escala data, entre nós, de poucos anos. As culturas mais extensas desta anonácea estão localizadas nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Ceará. Nos demais é explorada em pequenos pomares próximos às habitações em consorciação com outras espécies frutícolas, para consumo doméstico.

As pinheiras cultivadas nos Estados do nordeste dão colheitas mais abundantes e frutos mais saborosos e perfumados.

### ORIGEM

De Candolle diz que a ata é indígena da América equatorial e Barbosa Rodrigues a considera genuinamente brasileira. Martius a encontrou no Estado do Pará, em regiões de vegetação primitiva. Alguns autores, porém, afirmam ter sido essa anonácea introduzida na Baía, em 1626, procedente das Antilhas.

Seja ou não nativa do Brasil o fato é que, presentemente, a encontramos, em maior ou menor escala, em todos os Estados da Federação vegetando e produzindo economicamente.

### DESCRIÇÃO BOTÂNICA

Damos, em resumo, para conhecimento dos interessados, a descrição dessa planta, feita pelo botânico patricio Pio Correia: pulverulentos, enquanto novos, depois

glabros, pardo-escuros, longitudinalmente plicados e com insignificantes lenticelas pardo-claras; folhas alternas pecioladas, ovado-oblongas, de ápice agudo ou acuminadas, às vezes obtusas, arredondadas, ou agudas na base, etc.; pedúnculos solitários, extra-axilares, geralmente opostos às folhas; flores gamopétalas, compostas de 3 lóbulos grandes e 3 pequenos, externamente verdes e róseos internamente; fruto composto, subgloboso, grande, areolado, não muricado, nem papiloso, mais ou menos hexagonal e com linhas divisórias salientes, contendo polpa mole, branca ou brancacenta, mucilaginosa, doce, comestível, envolvendo sementes obovóides, castanho-escuras, etc.”.

### ESPÉCIES E VARIEDADES.

No número das anonáceas cultivadas lembramos a condessa, a cherimólia, a fruta de conde, a araticum, o coração de boi, beribá, uvária, etc.

São conhecidos vários espécimes obtidos por hibridação da pinha com a cherimólia que se distinguem pelo sabor, aroma e resistência ao clima tropical. Outros híbridos foram obtidos entre a pinha e *atemoya* (nome que recebeu o híbrido acima referido). A multiplicação da pinha por sementes tem dado lugar ao aparecimento de vários tipos que merecem um estudo especial por parte dos nossos técnicos.

### CLIMA

Sendo as anonáceas cultivadas quasi todas originárias da zona inter-tropical da África, é natural que tenham encontrado no Brasil condições altamente favoráveis do ponto de vista climático para o seu ótimo desenvolvimento, sobretudo nas zonas do norte e nordeste-brasileiro.

### TERRENO

Devem ser preferidos, sempre que for possível, os solos profundos, leves, ricos e que não contenham água estagnada. Embora se encontrem plantações em terrenos argilosos e até mesmo nos pedregosos e secos, as terras que oferecem os melhores resultados são as silico-argilo-limosas, profundas, frescas e as aluvionais. Os terrenos

BIBLIOTECA

NÚMERO	DATA
F781	14/5/56

80023634

recentemente aterrados são, em geral, esteréis nos primeiros anos e se ressecam mais facilmente. Em tais condições tem-se observado o aborto das flores.

Nos solos baixos e sujeitos a inundações, quando se tornam difíceis e dispendiosos os serviços de drenagem, devem estes ser condenados. A cultura da pinha tem sido feita, com êxito, em terrenos situados poucos metros acima do mar e nos de altitudes acima de 500 metros, nas regiões centrais do país.

### MULTIPLICAÇÃO

A pinha pode-se multiplicar por semente, estaca e enxertia, sendo que os dois últimos processos não são utilizados nas grandes explorações.

### SEMENTEIRA

As sementes devem provir de frutos maduros, de boa qualidade, de plantas sadias, de grande rendimento cultural, etc.

A sementeira é feita do mesmo modo já indicado para as das plantações cítricas, tendo-se, porém, o cuidado de deixar entre as sementes, nas linhas, a distância de três centímetros e a de vinte centímetros entre uma linha e outra.

As sementeiras devem ser inspecionadas diariamente para a extirpação das ervas daninhas, combate aos insetos e outros inimigos, etc. A irrigação deve ser feita sempre que se torne precisa. Durante os primeiros dias, após a sementeira, o terreno deve ser conservado com suficiente umidade.

As sementes perdem em pouco tempo o poder germinativo; por isso não devemos semear as de baixo poder germinativo e as de origem ignorada.

### VIVEIRO

A transplantação para os viveiros, cujo terreno deve ser previamente mobilizado, faz-se em dia nublado ou chuvoso, quando as mudas tenham atingido, mais ou menos, seis meses. Nessa ocasião procede-se a uma seleção, eliminando as raquíticas, defeituosas e doentes.

As mudas devem ser plantadas em linhas paralelas na distância de um metro, entre uma e outra, e de quarenta centímetros nas linhas.

Para o perfeito desenvolvimento das plantas devemos conservar os viveiros sempre limpos e combater as pragas. Sempre que se torne preciso deve-se escarificar o terreno entre as plantas.

### ENXERTIA

A pinha tem sido também multiplicada por enxertia. Diz Tamaro, tratando da *Anona cherimolia*, Lin., que é frequente o costume de se enxertar de garfos ou padrões de dois anos obtidos por sementes para assegurar a variedade, recomendando-se para isso a *Aximina triloba*, Dur.

Quando dirigia a Estação de Pomicultura de Deodoro, o agrônomo J. E. Dias Martins fez vários enxertos de pinha sobre cavalo de heribá e anona do brejo.

Pensamos não ter chegado a conclusões definitivas bastantes para recomendar o seu emprego na multiplicação dessa planta por haver-se ausentado da referida Estação antes de concluídas aquelas experiências.

Ramon Mayola, do Serviço Agronômico de Cuba, no "Cultivo de Árvores Frutíferas" tratando das anonas, diz o seguinte: — "Enxerto — Escolhem-se os exemplares que tenham, mais ou menos, um centímetro de diâmetro e gemas que procedam de hastes bem perfeitas que tenham perdido suas folhas e de cor cinzenta. As gemas devem ser perfeitas." Assim procedendo conseguiu enxertos de escudo com bons resultados.

### PLANTIO

A transplantação para as covas, que devem ser abertas com antecedência, faz-se no início da estação chuvosa, isto é, no inverno, salvo quando o terreno está adaptado à irrigação e se dispõe de água suficiente para esse fim.

As covas devem ter 50 centímetros em todos os sentidos (largura, altura e comprimento), e ficarem em linhas paralelas guardando entre si a distância de 4 x 4 ou 5 x 5 metros conforme a riqueza do terreno. No primeiro caso teremos por hectare, na plantação em quadrado, 625 pinheiras e no segundo 400.

Há fruticultores que transplantam da sementeira para o lugar definitivo; outros, porém, semeiam na própria cova quando a cultura dessa fruteira é feita em consorciação, por tornarem-se mais econômicas as limpas e facilitar a inspeção das plantinhas.

### TRATOS CULTURAIS

As pinhas devem receber os mesmos tratamentos que são dispensados às demais fruteiras, isto é, tantas capinas quantas forem precisas para conservar o terreno livre de plantas daninhas, máxime durante a primeira fase de seu desenvolvimento. É sabido que nas culturas que se mantêm limpas, as plantas se desenvolvem com mais facilidade e são menos sujeitas aos ataques dos insetos e outros inimigos.

### INIMIGOS

Um grande número de insetos ataca, no nosso país, o tronco, ramos, folhas, flores e frutos das anonáceas causando-lhes, por vezes, sérios prejuízos.

O professor Costa Lima, no "Terceiro Catálogo dos Insetos que vivem nas plantas do Brasil" cita uma dezena desses inimigos e recomenda o seu combate por todos os meios possíveis.

Há uma pequena mariposa *Stenoma anonella* Sepp., cuja lagarta (conhecida por bicho da pinha) causa grandes prejuízos. O inseto adulto deposita, durante a noite, os ovos nos frutos, qualquer que seja o seu tamanho. As lagartinhas rompem a casca e vivem na polpa da fruta roendo-a, não respeitando nem mesmo os caroços. Assim provocam o apodrecimento do fruto que, novo, fica enegrecido, seca e cai ao solo.

Os frutos atacados devem ser colhidos e queimados. O combate só dará bom resultado quando feito por todos os agricultores da zona e na mesma época. Há um período do ano em que não se encontra nas ateiras essa praga. Provavelmente, nesse tempo, emigra para as plantas hospedeiras que se acham nas proximidades, onde deve ser combatido o inseto, destruindo a planta, quando possível.

Como medidas preventivas podem-se pulverizar os frutos, quando novos, com uma solução de timbó ou resguardá-los contra os ataques das lagartas colocando-os em saco de etamine ou de papel.

As mariposas podem ser também destruídas por meio de luzes. Coloca-se uma lanterna dentro de uma vasilha com água de sabão forte, num ponto mais alto que a planta. Os insetos atraídos pela luz, voando em torno da lanterna, acabam caindo na água e morrem.

A *antracnose* pode ser considerada como uma das moléstias mais graves dessa fruta e acha-se bem generalizada em certas regiões produtoras. Ataca os frutos desde sua formação até o amadurecimento.

A pinha apresenta-se, primeiramente, pontilhada de preto e, com o correr do tempo, essas manchas aumentam, cobrindo todo o fruto, tornando-o enegrecido e um pouco duro. As folhas ficam irregularmente manchadas, de cor pardo-escuro, finalmente esbranquiçadas no meio e crivadas de pontuações salientes e pretas. Nos casos agudos caem quasi por completo.

Como tratamento o professor Saccá recomenda o seguinte: “A *antracnose* é determinada por um cogumelo endófito e, portanto, não admite tratamento curativo, mas sim preventivo. Assim convem: 1) Colher e queimar os frutos e as folhas atacadas pela moléstia para impedir a sua conservação e difusão; 2) pulverizar duas ou três vezes, à distância de 15 dias entre uma e outra pulverização, as plantas e principalmente os frutos desde a sua formação, com calda adesiva; 3) a *antracnose* é mais prejudicial nas plantas com copa demasiadamente densa; assim convem arejar a ramagem com poda bem feita para facilitar a circulação abundante do ar e da luz; 4) ela é também muito prejudicial nos pomares sombreados; portanto, é necessário um desbaste racional que permita o arejamento e a circulação da luz”.

Aparecendo qualquer moléstia ou insetos daninhos na plantação, deve o agricultor colher os frutos e outras partes atacadas e enviá-los, com urgência, à Divisão de Defesa Sanitária Vegetal, do Ministério da Agricultura, nesta Capital.

## COLHEITA

Os frutos da pinha não amadurecem todos ao mesmo tempo.

A apanha deve ser feita com o fruto *de vez*, “quando a cor passa a verde-pardo e as saliências se separam mais, distinguindo por um espaço mais claro”, pois, amadurecendo na árvore, em geral, racha ou é estragado pelos pássaros.



A colheita faz-se a mão com o auxílio de uma tesoura de poda. Os frutos não devem cair ao solo ou roçar uns sobre os outros porque mancham no lugar da machucadura, depreciando o produto.

## PRODUÇÃO

A pinha começa a produzir, em meio favorável, a partir do 2.º ano, estando em franca produção no 5.º ano. O número de frutos que se pode colher por ano, numa pinheira, varia com um grande número de fatores. A média de 100 frutos é considerada boa nos pomares bem tratados. O peso dos frutos maduros varia entre 250 a 500 gramas.

## USOS

Constitue o fruto maduro um alimento precioso por conter, afora outros elementos, várias vitaminas. Com sua polpa preparam-se vários produtos: licor, doces, sorvete, etc. Fermentado, fornece um delicioso vinho. Há quem afirme que as sementes contem uma substância que mata os insetos.

## NOTA

Aos que desejarem informações mais detalhadas recomendamos a leitura dos trabalhos: As anonáceas — Dicionário de Plantas Uteis do Brasil — Pio Correia; Insetos Nocivos à fruta de Conde — Entomologia Agrícola Brasileira — Carlos Moreira; Antracnose da fruta de Conde — R. Avena Saccá — Chácaras e Quintais; Fruta de Conde e Condessa — O Campo, Eurico Santos; Les Plantes Alimentaires, etc. — D. Bois; Los Cultivos Tropicales — W. Barrett; Anonáceas — Eurico Teixeira da Fonseca — O Campo — Rio.

Estas notas foram organizadas pelo agrônomo Raymundo Fernandes e Silva.

IMPRESA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO — 1941